



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

CAMILA GUEDES MUNIZ

**FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO PARA A EMANCIPAÇÃO DO PENSAMENTO:
REFLEXÃO DAS CONCEPÇÕES ADORNIANAS SOBRE EDUCAÇÃO A PARTIR
DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE
2019**

CAMILA GUEDES MUNIZ

**FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO PARA A EMANCIPAÇÃO DO PENSAMENTO:
REFLEXÃO DAS CONCEPÇÕES ADORNIANAS SOBRE EDUCAÇÃO A PARTIR
DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à/ao Coordenação /Departamento do Curso Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Educação/
Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M966f Muniz, Camila Guedes.
Filosofia no Ensino Médio para a Emancipação do Pensamento [manuscrito] : Reflexão das concepções adornianas sobre educação a partir de um relato de experiência / Camila Guedes Muniz. - 2019.
19 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira , Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Ensino de Filosofia. 2. Relato de experiência. 3. Estágio supervisionado. 4. Adorno. I. Título
21. ed. CDD 371.1

CAMILA GUEDES MUNIZ

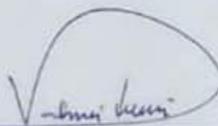
**FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO PARA A EMANCIPAÇÃO DO PENSAMENTO:
REFLEXÃO DAS CONCEPÇÕES ADORNIANAS SOBRE EDUCAÇÃO A PARTIR
DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

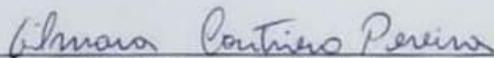
Área de concentração: Educação / Ensino de Filosofia.

Aprovada em: 26/11/2019.

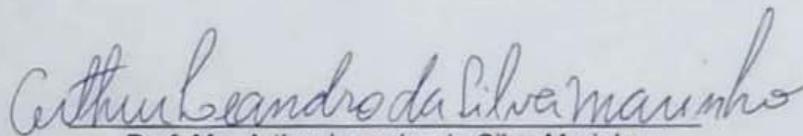
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr.^a. Gilmara Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Arthur Leandro da Silva Marinho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

(Galeano, 1994, p. 310)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	DESENVOLVIMENTO	07
2.1	Sobre o estágio supervisionado em filosofia: relato de experiência ...	07
2.2	Análise das concepções adornianas sobre filosofia e educação	10
2.3	Reflexões para a prática docente do ensino de filosofia	15
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	18

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO PARA A EMANCIPAÇÃO DO PENSAMENTO: REFLEXÃO DAS CONCEPÇÕES ADORNIANAS SOBRE EDUCAÇÃO A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL FOR EMANCIPATION OF THINKING: A REFLECTION OF ADORNIAN CONCEPTIONS ON EDUCATION FROM AN EXPERIENCE REPORT

Camila Guedes Muniz*

RESUMO

Este artigo pretende direcionar o olhar para o ensino de filosofia nos dias atuais, frente ao pensamento autoritário e conservador, crescente no país e no mundo. A metodologia utilizada foi a análise das vivências do estágio supervisionado, pesquisa, revisão bibliográfica e teórica. A primeira parte consiste no relato de experiência com o estágio supervisionado, que revelará as problemáticas que serão trabalhadas no decorrer do artigo. A segunda compreende, através da obra de Theodor W. Adorno, a questão da educação sob a dominação da indústria cultural e a importância da emancipação do pensamento e do sujeito para combater a barbárie. A terceira faz algumas reflexões sobre a própria prática do ensino de filosofia em sala de aula, apontando quais deveriam ser seus objetivos e seus enfrentamentos a partir de autores como Freire (2019) e Gallo (2007).

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Relato de experiência. Adorno. Emancipação.

ABSTRACT

This article aims to analyze the teaching of philosophy in the present days against the authoritarian and conservative thinking, which has grown in Brazil and in the world over the last years. To reach the objective, it was taking into account the experiences obtained during the supervised training period and also a literature review. At first, the problems were characterized during the training period. Then, the literature review, in particular on the work of Theodore W. Adorno, were conducted to understand the issue of education under the domination of the cultural industry and the importance of the freedom of people and of their thoughts to combat the barbarism; at last, some reflections were done on the practice of philosophy teaching itself in the classroom, what should be its goals and what are its confrontations, considering what were pointed by some authors such as Freire (2019) and Gallo (2007).

Keywords: Philosophy Teaching. Experience report. Adorno. Emancipation.

* Aluna do curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: camilamuniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A importância do ensino de Filosofia para jovens no ensino médio vai para além da formação humana e o exercício da cidadania, pois possibilita a formação de uma reflexão crítica em relação ao mundo que é enfrentado e a percepção de si mesmo como membro e transformador da sociedade. Atualmente, percebemos que atitudes intolerantes e posições autoritárias e fascistas têm aumentado de maneira significativa no Brasil e no mundo, assim como os problemas na educação pública brasileira também têm aumentado, e algumas disciplinas fundamentais para uma formação educacional integral, como artes, música, filosofia e sociologia estão sob ameaças de serem retiradas do currículo. Sabemos que as disciplinas de sociologia e filosofia já sofreram várias inserções e retiradas do currículo do Ensino Médio ao longo da história da educação no Brasil, e por isso, é de extrema importância refletir sobre as possibilidades, deveres e desafios para uma educação que conduza para a formação e manutenção da democracia que por muitas vezes na nossa história, foi e continua sendo ameaçada.

A inspiração deste trabalho partiu das vivências com o ensino de filosofia durante o estágio supervisionado realizado numa escola estadual na cidade de Campina Grande - PB, no ano de 2018, e o objetivo é fazer uma análise das situações e enfrentamentos da educação, e especialmente do ensino de filosofia, diante do movimento conservador e autoritário que se estende pelo país e chega até as escolas, afetando relações entre professores e alunos, dificultando o diálogo e o entendimento.

A ideia é que possamos refletir sobre como combater este movimento que vai contra a liberdade de pensamento e sua emancipação, contra o entendimento e possibilidade de enfrentamento dos problemas sociais, sobre como o ensino de filosofia pode ajudar os jovens a construir seu pensamento autônomo, crítico e esclarecido.

Este artigo se baseia em uma pesquisa teórica e bibliográfica, e utilizamos as referências que consideramos importantes e inspiradoras para guiar esta reflexão, como por exemplo, as obras *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1921-1997), *Resposta à pergunta: que é esclarecimento?* de Immanuel Kant (1724-1804), e alguns textos selecionados de Theodor W. Adorno (1903-1969). Em relação a este último, pretendemos apresentar suas ideias sobre a educação e como elas podem auxiliar os professores na reflexão sobre o ensino de Filosofia, principalmente para as escolas públicas. Dos seus textos, utilizamos como referência principal uma coletânea de conferências e entrevistas que o filósofo alemão concedeu entre os anos de 1959 e 1969 e que foram reunidas, traduzidas para o português e publicadas sob o título *Educação e Emancipação*.

Este trabalho será dividido em três partes: a primeira consta do relato de experiência do estágio supervisionado, que estimulou o tema e que apontará as questões que serão discutidas a respeito do ensino de filosofia como ferramenta fundamental para uma educação emancipatória e esclarecida. Na segunda, nos concentraremos na análise dos textos de Adorno, que trazem suas ideias sobre o significado da educação. Por fim, será levado adiante o diálogo no que diz respeito à prática docente do ensino de filosofia na escola pública, procurando fazer algumas reflexões sobre as possibilidades de uma educação voltada para a resistência e para a emancipação do pensamento, frente a uma luta que não pode deixar esmorecer: a de reafirmar nossa liberdade, nossa luta e garantir a democracia.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Sobre o estágio supervisionado em filosofia: relato de experiência

Os estágios supervisionados da graduação em Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) são realizados em três etapas: a primeira é de observação, a segunda e a terceira de atuação docente, acompanhada e orientada pelo professor efetivo da escola. Faremos o relato da terceira etapa do estágio, por ser a que mais se destacou das demais em relação a vivências, preocupações com o ensino e com o diálogo, e por ser a que motivou o tema do trabalho. O estágio foi realizado numa escola estadual do município de Campina Grande - PB, entre os meses de setembro de outubro de 2018, para as turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. A escola atua sob o modelo do projeto de Escola Cidadã Integral (ECI), que vem sendo implementado no estado, com aulas que vão das 07h até as 17h, com a formação educacional atrelada à formação profissional/técnica.

O projeto Escola Cidadã Integral oferece a efetivação dos professores da rede estadual de ensino em uma só escola, e o número de alunos por turma é reduzido em comparação às demais escolas estaduais. Por isso, ela oferece melhores condições de trabalho, uma vez que é comum os professores da rede pública de ensino terem uma excessiva carga horária de trabalho, tendo que atuar, na maioria dos casos, em mais de uma escola. O programa também oferece a possibilidade de alunos e professores participarem de intercâmbios em outros países (Programa Gira Mundo) e possui parceria com empresas para estágios e inserção dos egressos no mercado de trabalho. Este modelo de ensino tem como foco principal a formação dos jovens para atuarem no mercado de trabalho, não deixando de atender à lógica neoliberal de formação do sujeito como capital humano, que pouco se preocupa, e até muitas vezes dificulta um ensino de teor crítico, político e social, indispensável para o exercício da autonomia no espaço público, e também para a construção de uma consciência que atue a favor do coletivo. É importante atentar-se para esta questão, a fim de combater a mercantilização da educação e garantir uma educação realmente transformadora.

O professor da escola que foi campo de estágio possui formação acadêmica em Sociologia e além desta, leciona também a disciplina de Filosofia na escola. Ao questionar a coordenação pedagógica e a direção sobre possibilidade de chegada de professor com formação acadêmica em Filosofia para ministrar a disciplina, informaram que o quadro de professores estava completo e fechado, ou seja, não havia previsões de que a escola receberia um professor de filosofia.

Esta situação revela um certo descaso com a filosofia, e mais ainda com a profissão do professor. Quando professores atuam ministrando disciplinas que não são da sua área de formação, os alunos saem prejudicados e os professores também, uma vez que têm sua profissão desrespeitada e desvalorizada.

Em relação à experiência com o professor da escola, este se mostrava sempre solícito, sempre orientando quanto aos conteúdos programáticos, auxiliando no entrosamento com os alunos, acompanhando o desenrolar do estágio com relatórios. Pediu que registrássemos as impressões e dificuldades ao ministrar as aulas, como uma espécie de diário, e conversava conosco sobre as aulas, compartilhando dicas úteis para tornar a relação em sala de aula agradável e fazer com que os alunos participassem mais, uma vez que ele já possuía convivência com os alunos e já conhecia a dinâmica da relação dos alunos com os professores e o

funcionamento da escola. Optamos ainda por acompanhar duas semanas de aulas do professor efetivo antes de começar as atividades com regência (isso não era exigência da disciplina de estágio) para observar sua metodologia, conhecer melhor a dinâmica com as turmas e a escola. Além das aulas, tivemos oportunidade de acompanhar e participar de outros projetos da escola: a semana pedagógica, onde cada professor/disciplina montava salas temáticas com grupos de alunos para apresentação de trabalhos; o projeto de vida, que consistia em acompanhamento e orientação dos alunos em seus anseios escolares, profissionais e pessoais; e o preparatório para o ENEM, do qual participamos com momentos de relaxamento e práticas para minimizar a ansiedade dos alunos. Os demais professores e funcionários nos trataram com muita cordialidade, educação e respeito, e os alunos também foram muito receptivos, participaram e contribuíram como puderam com as aulas. Das experiências com os estágios anteriores, esta foi a que nos proporcionou melhor convívio e aproveitamento.

Entretanto, alguns acontecimentos que estavam relacionados também à época do estágio acabaram por influenciar as atividades, as relações e os diálogos na escola. Era período de eleições presidenciais e por isso havia um forte “humor eleitoral” por toda a cidade: campanhas para diversos candidatos/partidos, movimentos com pautas de reivindicações sociais, discussões, algumas vezes abertas ao diálogo com exposição e confronto de ideias opostas, outras vezes intolerantes e regadas à briga.

Gostaríamos de resgatar aqui a questão do programa Escola sem Partido, que tem cunho conservador, e é pautado em valores morais cristãos, e que foi fomentado por entidades da sociedade civil, elites industriais, instâncias religiosas (principalmente os setores evangélicos e as igrejas neopentecostais) e partidos políticos e que, apesar de sua inconstitucionalidade, é defendido por juristas renomados. Este movimento consiste numa “ameaça à vivência social e à liquidação da escola pública como espaço de formação humana, firmado nos valores da liberdade, de convívio democrático e de direito e respeito à diversidade” (FRIGOTTO, 2017, p. 17). Esse programa pretende instalar medidas para combater a “doutrinação política” dos professores em sala de aula (mais precisamente evitar discussões importantes para entender e enfrentar os problemas sociais, que são pautas também do pensamento de esquerda), e toda e qualquer discussão sobre diversidade, gênero e sexualidade. Ainda sobre o movimento Escola sem Partido, afirma Frigotto:

O que propugna o Escola sem Partido não liquida somente a função docente, no que a define substantivamente e que não se reduz a ensinar o que está em manuais ou apostilas, cujo propósito é de formar consumidores. A função docente no ato de ensinar tem implícito o ato de educar. Trata-se de, pelo confronto de visões de mundo, de concepções científicas e de métodos pedagógicos, desenvolver a capacidade de ler criticamente a realidade e constituírem-se sujeitos autônomos. A pedagogia da confiança e do diálogo crítico é substituída pelo estabelecimento de uma nova função: estimular os alunos e seus pais a se tornarem delatores (FRIGOTTO, 2017, p.31).

Assim, o programa Escola sem Partido tornaria legal cercear a atividade docente, permitindo que os alunos filmassem as aulas dos “professores doutrinadores” para denunciá-los. Percebemos logo no início do estágio que havia, por parte de um grupo de alunos, uma grande aderência a estes ideais conservadores, atrelada também às eleições como possibilidade da eleição de um

presidente messiânico, que salvaria os valores morais e cristãos da família tradicional brasileira (leia-se aqui burguesa e branca) e da pátria (lembremos, porém, da laicidade do estado).

Percebemos também que esta aderência se deu principalmente através das *fake news*, notícias inventadas e tendenciosas (como por exemplo, a famosa e estapafúrdia história do *kit gay*) que passaram a circular nas redes sociais com o intuito de fortalecer ainda mais o conservadorismo.

Havia, por parte de um grupo de alunos, um grande compartilhamento de mensagens de ódio e provocação, e de informações duvidosas e tendenciosas tomadas como verdades inquestionáveis por redes sociais e *WhatsApp*, discursos de caráter intolerante e/ou em apoio ao autoritarismo, e isso era motivo de muita preocupação entre os professores, pois todos os dias estes problemas ocorriam.

Além disso, quando questionados sobre esses posicionamentos, estes alunos não possuíam argumentos coerentes nem demonstravam que estavam conferindo a validade das mensagens que recebiam via *WhatsApp*, ou mesmo procurando fazer pesquisas mais aprofundadas sobre as posições que estavam defendendo, ou as que estavam criticando, sobre a política, a sociedade e sua historicidade, para compreender melhor as diferentes problemáticas que envolvem nossa sociedade e assim poder construir sua visão crítica de mundo. Percebíamos que simplesmente eram convencidos por essas forças intolerantes, como que seguindo uma moda porque era “tendência”, sem preocupação alguma com fundamentos, com reflexão.

Compreendíamos sobre a importância de discutir com os alunos, de forma saudável e elucidativa, questões que fazem parte da vida prática em sociedade, tais como política, ética, moral, religião, etc. Porém, quando estas discussões ultrapassam os valores de tolerância e respeito, principalmente num ambiente responsável pela formação humana como é a escola, faz-se necessário pensar sobre este problema, seus motivos, e as estratégias que possam ser tomadas para resolvê-lo.

Não foram raras as vezes que nos deparamos com falas de alunos envolvendo intolerância religiosa, machismo, homofobia, por exemplo. Estas experiências, de certa forma, nos causaram espanto, pois não esperávamos que estes tipos de atitudes estivessem tão fortes entre pessoas tão jovens e ainda em construção de sua própria personalidade.

Outro acontecimento curioso se deu numa aula que envolvia os temas “mitologia”, “surgimento da filosofia na Grécia antiga” e “filósofos pré-socráticos”. Ao serem questionados sobre a criação das coisas no universo seguindo uma reflexão mais racional sobre a natureza, a resposta dos alunos foi quase que unânime e imediata: Deus. Aí se notam a força e a influência da religião na formação das ideias dos alunos e as dificuldades que a filosofia enfrenta para buscar uma racionalidade nas discussões. É importante atentarmos ao fato de que o fundamentalismo religioso tem sido um obstáculo às tentativas de diálogo e reflexão sobre as diferentes problemáticas que envolvem nossa sociedade: questões de gênero, de sexualidade, de direitos humanos, de problemas sociais.

Não questionamos aqui crenças religiosas, sejam elas de qualquer vertente ou cultura, apenas chamamos atenção ao fechamento da possibilidade de se levantar questões, de fazer reflexão mais apurada, de buscar uma racionalidade dentro da própria religião em relação às diversas questões que compõem a existência humana, de dar chance a suspeitar de todas as coisas (ao menos numa aula de filosofia), que é uma das maiores qualidades do ato de filosofar. Criar este hábito de buscar uma problemática em algo que os alunos possam refletir porque o

vivenciam (como é a religião, por exemplo), e fazê-los exercitar o pensamento e levantar questões sobre o tema, deveria ser algo que todo professor de filosofia pudesse realizar com seus alunos em sala de aula.

A disciplina de Filosofia na escola possui uma ementa de conteúdos programáticos que se guiam pelo livro didático. Aquele livro, adotado pela escola, por sua vez, é organizado por eixos temáticos e os capítulos trazem os conteúdos de forma muito resumida e até mesmo incompleta, acabando por não ajudar muito, nem ao professor e nem aos alunos, sendo usado basicamente para passar lição de casa aos estudantes. Percebemos que a maioria livros didáticos de filosofia para o ensino médio costumam ser organizados em eixos temáticos, não seguindo necessariamente a ordem cronológica da história da filosofia. Sendo organizados de uma forma ou de outra, o maior problema é a precariedade com que os temas, os filósofos e os conceitos filosóficos são apresentados nestes livros. Por estes motivos, acreditamos que os livros didáticos utilizados atualmente não oferecem um suporte adequado para o ensino da disciplina de filosofia.

Na prática, o professor utiliza outras referências para montar suas aulas e torná-las mais dialógicas. O professor tentava sempre levar à aula alguma problemática para estimular os alunos a fazerem questionamentos. Algumas vezes as aulas foram expositivas e conteudistas por necessidade de preparar para a prova do ENEM que estava se aproximando. Assim, procuramos nos guiar em nossa atividade de regência seguindo os mesmos passos utilizados pelo professor, às vezes com alguns ajustes que achamos necessário para nossa própria experiência com a docência ou fazendo outro tipo de atividade com os alunos para despertar interesse pela disciplina. Um ponto que achamos interessante e bastante proveitoso é o aspecto lúdico que o professor levava algumas vezes às turmas, com jogos envolvendo curiosidade, dinâmica e filosofia.

De toda a experiência com este estágio, e o que queremos refletir e analisar nesta pesquisa são os problemas detectados entre os alunos, envolvendo discurso intolerante e autoritário, inflexibilidade do pensamento em relação a questionamentos (filosóficos ou não), uso excessivo de informações superficiais formadas através de redes sociais e falta de interesse por pesquisa e estudo, desinteresse pela disciplina de filosofia e o porquê destas coisas ocorrerem.

Para os professores, pretendemos fazer uma reflexão sobre estes problemas através de algumas ideias de Adorno sobre a educação e procuraremos fazer também algumas reflexões sobre as metodologias para o ensino de filosofia, possíveis de serem colocadas em prática.

2.2. Análise das concepções adornianas sobre filosofia e educação

A seguir serão trabalhadas as ideias de Theodor W. Adorno quanto às questões voltadas à educação. Esperamos que suas ideias e conceitos ampliem nossa reflexão sobre o papel do professor de filosofia no ensino médio e sobre as possibilidades de condução das aulas, e possam nos ajudar a pensar num ensino de filosofia que seja efetivo em ajudar os jovens estudantes a desenvolver seu pensar crítico e sua atuação na transformação de si e da sociedade.

As obras de Adorno nos levam a refletir sobre o comportamento da sociedade contemporânea e seus problemas. Obras como a coleção de conferências e entrevistas publicadas em *Educação e Emancipação* ou como a *Dialética do esclarecimento*, têm um forte teor sociológico e mostram que Adorno investigou e estudou os fenômenos que influenciam nossos comportamentos sociais. A partir de

uma análise dentro do seu próprio contexto histórico, ao fim da segunda guerra mundial, o autor tenta compreender o uso e a contribuição da tecnologia e da técnica para o crescimento do nazifascismo na Alemanha, tentando entender também como o projeto nazista ganhou tanto apoio popular. Seu apelo é sobre impossibilitar quaisquer comportamentos ou atitudes que levem novamente aos horrores provocados pelas duas grandes guerras, sendo a última, segundo o filósofo, a consumação da barbárie, sendo referência do pior a ser evitado pela humanidade, a exemplo dos campos de concentração de Auschwitz.

Tais acontecimentos o levam a refletir sobre como, apesar dos avanços tecnológicos do pensamento científico, nossa sociedade alcançou tal barbárie? A partir disso, o filósofo discursa sobre o papel da educação em nossa sociedade e desenvolve sua crítica, questionando se de fato o sistema de ensino estaria conduzindo os estudantes à verdadeira busca de sua autonomia (emancipação). Para Adorno, a educação tem grande importância na formação do indivíduo, pois é através dela que o ser se constrói, que pode tornar-se consciente de si, que pode reconhecer-se como indivíduo, ser social e histórico. Ser consciente de si significa o alcance do ser emancipado, do ser autônomo, que atingiu a sua maioridade, e aqui podemos atribuir o mesmo sentido do esclarecimento kantiano:

Esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem (KANT, 2013, p.63).

Para Kant, porém, esse esclarecimento só é possível através da liberdade, pois é preciso que o homem seja livre para fazer o uso público de sua razão. Ao fazer uso de sua razão, o homem deixará sua menoridade e se libertará das crenças, tradições, preceitos, fórmulas e opiniões alheias. Requer então coragem para romper com o comportamento passivo diante dos mecanismos de controle e começar a fazer uso do próprio entendimento.

Na concepção adorniana, o papel máximo da educação é formar um cidadão esclarecido e conseqüentemente evitar a barbárie, e isto pode ser alcançado através de um trabalho mais reflexivo com os estudantes, favorecendo a subjetividade, a criatividade, o respeito e a tolerância. Para Adorno, é necessário elaborar e entender o passado para que se aprenda com os erros cometidos, e criticar o presente prejudicado, evitando assim que barbáries como a de Auschwitz não se repitam.

No texto *Educação após Auschwitz*, o filósofo aponta sua preocupação com o estado de inconsciência da sociedade alemã, ou com o pouco caso com relação às barbáries ocorridas no local durante a segunda guerra:

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que

Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação (ADORNO, 1995, p. 118).

O discurso acima demonstra grande preocupação do filósofo com os caminhos que a humanidade tomou, e os caminhos que persistem para o retorno de Auschwitz, uma vez que ainda existem e tendem a crescer os discursos autoritários e as tentativas de homogeneizar a sociedade, pregando como verdade absoluta uma única visão e possibilidade de mundo.

O autor faz também uma crítica ao excesso do uso da razão (sua instrumentalização) e como isso levou às formas de dominação das massas, provocando dependência e alienação social de forma indireta. Sobre os mecanismos de dominação social, Adorno, junto com Max Horkheimer (1895-1973), desenvolvem na sua *Dialética do Esclarecimento* o conceito de indústria cultural. Esta terminologia representa a análise da função da arte e do entretenimento na sociedade capitalista e um sistema político-econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura tais como música, cinema, artes plásticas, em forma de mercadoria com a estratégia de controle social. Esta alienação indireta provoca a perda de identidade do indivíduo, uma vez que ele recebe a todo momento estímulos e imposições sobre como agir e pensar:

O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a uma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual. A necessidade que talvez pudesse escapar ao controle central já é recalçada pelo controle da consciência individual (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 113-114).

De forma geral, a grande crítica com relação à indústria cultural é a perda da sensibilidade e da capacidade de reflexão da sociedade perante o consumo da arte, dos produtos, do entretenimento. Tudo é muito bem preparado de forma que o consumidor não sinta esforço em refletir, e isso ocorre através da ilusão de uma diversidade de produtos, da conquista da felicidade pelas aparências, de um estilo de vida guiada pela indústria e pela padronização através de certas fórmulas já testadas e comprovadas no poder de prender a atenção do consumidor. O entretenimento passa a se tornar uma fuga de uma realidade cansativa e opressiva pela exploração do trabalho e pelas desigualdades sociais. Segundo os autores, o oprimido passa a ter uma falsa ideia de liberdade, tornando-se alienado e conformista; passa a achar que está fugindo do rígido controle do trabalho, mas na

verdade torna-se presa de um sistema que existe para ter maior controle sobre ele. Assim, a indústria cultural molda o ser, fazendo-o perder a sua autonomia:

Se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos numa época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planejado até mesmo de toda realidade interior pela indústria cultural (ADORNO, 1995, p. 181).

Segundo Adorno a indústria cultural está impregnada em nossa sociedade, se enraizou de tal forma que está presente até nas instituições de ensino. Neste contexto, a educação passa por um processo de semiformação, deixando de se voltar ao esclarecimento e atendendo aos interesses da indústria cultural: padronizada, moldada, tendendo a destruir o subjetivo, transformando-o numa espécie de “pseudoindividualidade”. Assim, Adorno defende a importância de uma educação emancipada e emancipatória, que proporcione uma formação pautada na discussão, estudo e reflexão dos problemas da sociedade, dos mecanismos de dominação social e cultural, da política e da história, assim o sujeito poderá construir sua própria visão de mundo, refletida e criticamente, e refletir sobre seu papel na sociedade. A seguir, o filósofo apresenta sua concepção sobre o papel da educação:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 1995, p. 141-142).

Adorno faz críticas ao sistema educacional quando este apresenta um modelo fixo de como deve ser conduzido. Metodologias padronizadas e reprodutivas entram em desacordo com os aspectos individuais e conseqüentemente tornam-se um obstáculo para a formação crítica de si mesmo. Para o autor, somente através de uma formação crítica é possível que o sujeito conheça a si mesmo, que transforme a si mesmo e a sociedade a qual faz parte. Refletindo sobre estes aspectos, podemos questionar se de fato as ECIs, que apontam grande sucesso de funcionamento no Estado da Paraíba, estariam de fato contribuindo para a formação do pensamento crítico dos estudantes, para uma formação realmente integral, colocando os jovens como protagonistas de seu crescimento intelectual e esclarecimento, ou apenas moldando-os para atender às demandas de uma sociedade capitalista, ou seja, preocupando-se principalmente em criar mão de obra qualificada. Questionar e lutar para que isto não aconteça é uma urgência, levando em consideração o atual cenário político e social que estamos enfrentando. Apenas uma educação que prepara e abre espaço à emancipação dos indivíduos, sobretudo daqueles que são dominados e oprimidos, é capaz de abrir possibilidades para a transformação da sociedade e sobretudo impedir a barbárie.

Nessa perspectiva, o filósofo realiza críticas sobre o aspecto autoritário de uma educação voltada para a mera reprodução de conteúdo, onde o aluno é visto como um ser passivo e inferior ao professor, e este último o detentor da sabedoria. Neste processo, a reprodução de conteúdo sem pensar em sua prática, e que ignora a subjetividade dos alunos, acaba por dizimar o ato democrático da ação educativa, torna-se uma educação excludente, autoritária, uma vez que existe uma voz que vai se sobrepôr às outras. A educação emancipadora é democrática, pois traz o aluno para a discussão, coloca-o como protagonista, assim como o professor que conduz o ato educativo.

Neste cenário cada um entende sua importância no processo de aprendizagem. Adorno aponta também o caráter político-social da educação, pois ela precisa refletir criticamente a realidade. Segundo ele, a escola precisa debater a realidade social, precisa pensar criticamente a si mesma, pensar os modos de ensinar e levar o debate para fora da sala de aula para dialogar com a sociedade, tornando-se também instrumento de transformação desta. A escola deve evitar a formalização e a instrumentalização das suas atividades, das suas regras e deveres, e dos saberes que oferece aos educandos, pois estas a coloca como detentora da verdade, diminuindo assim a imaginação e uma visão mais ampla que os alunos poderiam ter do mundo, transformando-os em meros receptores, e funcionando como instrumento do sistema vigente, ou seja, uma ferramenta de manipulação e massificação.

É necessário compreender as relações estabelecidas no mundo tanto no âmbito social como nas relações pessoais, no trabalho e etc. Neste sentido, uma reflexão profunda das problemáticas existentes no contexto político e social em que vivemos nos proporcionam o entendimento sobre a importância de não nos mantermos estagnados e nem conformados com o poder estabelecido pelas instituições. A sociedade é heterônoma, as pessoas tendem a acreditar que precisam se deixar levar pelas circunstâncias dadas pelos poderes dominantes e permanecer na não emancipação:

Talvez se possa ver o problema da minoridade hoje ainda por um outro aspecto, talvez pouco conhecido. De uma maneira geral afirma-se que a sociedade, segundo a expressão de Riesman, "é dirigida de fora", que ela é heterônoma, supondo nesses termos simplesmente que, como também Kant o faz de um modo bem parecido no texto referido, as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculcam força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma (ADORNO, 1995, p.178).

Como educadores, e sobretudo professores de filosofia, precisamos compreender a importância das decisões políticas, pois elas incidem diretamente em nossa realidade, e não permanecermos alheios. A filosofia é importante e necessária também para refletir sobre a nossa prática social e política. A filosofia deve servir aos indivíduos e ao seu autoconhecimento, não exatamente à ordem estabelecida, deve seguir um caminho rumo ao esclarecimento, e por isso, deve ser também resistência.

Sobre a prática do ensino de filosofia, esta não deve permanecer no nível de abstração, mas desenvolver um saber capaz de modificar a realidade que nos cerca, ser capaz de transformar, devendo assim aliar a teoria à prática. E segundo Adorno, esta prática deve derivar de uma reflexão que tão pouco tem sentido sem uma ação transformadora. O impedimento do comportamento bárbaro e não reflexivo ocorre através da fomentação da experiência, que segundo o filósofo seria a única forma

como compreendemos o mundo, através da vivência plena e subjetiva, diferente da experiência científica.

Para ser transformadora e ir além dos seus muros, a educação deve se voltar também à crítica dela mesma. Devem se considerar aspectos qualitativos e quantitativos, sendo o mais importante o aperfeiçoamento do processo de formação crítica em sala de aula e não os conteúdos que serão aprendidos. Mais importante que os conteúdos são a forma como eles são conduzidos/apresentados. Assim, é necessário estar sempre refletindo sobre as práticas pedagógicas em sala de aula.

2.3. Reflexões para a prática docente do ensino de filosofia

Diante do que apresentamos até aqui, faz-se necessário voltar nosso olhar para a educação brasileira, sobretudo para o papel da disciplina de filosofia e sua importância na formação destes jovens estudantes. Acreditamos que a educação no ensino médio deve ir além de apenas cumprir a grade dos conteúdos programáticos e preparar o aluno para a prova do ENEM, para a vida profissional, ou para o exercício da cidadania, e que este modelo pautado na memorização de conteúdo pouco faz para uma formação crítica e esclarecida dos alunos. Pelo contrário, provoca um afastamento entre o professor e o aluno, uma vez que coloca o professor na posição de detentor do poder e do conhecimento e o aluno na posição de receptor, vazio de conteúdo e vivência. Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire critica este tipo de educação, utilizando o termo “educação bancária”:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 2019, p. 80-81).

Compreendemos que o ensino não pode se realizar de forma vertical, principalmente numa escola pública, onde a grande parte dos estudantes, senão todos, vêm de famílias de baixa renda, muitas vezes de situações muito humildes. Para que a educação tenha um papel realmente transformador na sociedade, a escola, os professores, as aulas, os conteúdos e a comunicação devem se aproximar e participar da realidade dos alunos. Não só ensino teórico, mas construção incessante de uma práxis que atenda às demandas das realidades destes alunos. Uma educação tecnicista ou bancária, como nomeou Freire, acaba por não ajudar muito na formação crítica do aluno, e nem no entendimento de sua realidade para buscar sua transformação.

Assim, à filosofia cabe uma tarefa desafiante: provocar o desejo de conhecimento do homem, da natureza e da sociedade para uma compreensão realmente esclarecida. Neste sentido, a filosofia não deve ser considerada apenas como mais uma disciplina entre tantas, mas como uma prática reflexiva que seja efetiva em ajudar na descoberta do homem e de seu papel na busca pela liberdade

e pela transformação da realidade. Para isso, é importante pensarmos sobre a especificidade da filosofia, isto é, sobre o que ela pode fazer de diferente em relação aos outros saberes. Segundo o professor Silvio Gallo (2007), a filosofia possui três qualidades principais: a) trata-se de um pensamento conceitual, pois é uma experiência do pensamento que cria conceitos, diferentemente da ciência e da arte; b) possui um caráter dialógico, pois não é um saber fechado em si mesmo, mas um saber que se experimenta, que confronta a si mesmo e aos outros saberes e está sempre em construção; c) possibilita uma postura de crítica radical, uma vez que a atitude filosófica é a da não conformação e a do questionamento constante. O caráter dialógico e a postura de crítica radical são características encontradas também em outros saberes, mas é da especificidade da filosofia a criação de conceitos:

[...] a filosofia não é apenas um conjunto de conhecimentos criados historicamente, mas sobretudo uma atividade criativa, na medida em que o filósofo, encarnado e vivendo num mundo concreto, enfrenta problemas vitais, mergulha no caos e busca a criatividade que lhe permita inventar conceitos que ajudem a dar uma forma racional ao problema vivido, podendo assim encontrar soluções. E a história da filosofia, mais do que o inventário cronológico das soluções, é como que um arsenal, um repositório dos conceitos criados, que podem ou não servir como ferramentas, instrumentos para nosso próprio pensamento (GALLO, 2007, p. 24).

É comum as aulas de filosofia possuírem um caráter dialógico, que enfatiza o debate e confronto de ideias, muitas vezes com os alunos expressando suas opiniões sobre o assunto proposto em vez de construírem uma reflexão filosófica. Ou consistirem em exposição de conteúdo, com caráter enciclopédico e conteudista, seguindo uma cronologia histórica, ou um sistema filosófico, ou uma temática (organização bem comum dos livros didáticos de filosofia). Para o autor, se tomarmos a filosofia como uma atividade de criação de conceitos, a aula de filosofia será menos conteudista e tecnicista e adquirirá um caráter prático, investigativo e dinâmico sem, no entanto, cair no “achismo”. Assim, compreende que a aula de filosofia deveria funcionar como uma oficina de conceitos, onde eles são experimentados, desmontados, recriados e também onde são criados novos conceitos, por mais superficiais e limitados que eles possam ser.

Silvio Gallo (2007) afirma ainda que, ao trabalhar com uma oficina de conceitos, algumas etapas devem ser seguidas: a) sensibilização, b) problematização, c) investigação e d) conceituação. Pode-se colocar aos alunos um problema filosófico para que eles o vivenciem, e este problema não pode ser alheio à realidade deles. Ao incorporarem o problema, podem investigar na história da filosofia os conceitos criados que solucionariam este problema para então buscar refletir se eles serviriam à sua realidade ou não, se poderiam ser adaptados, recriados ou descartados.

Uma aula de filosofia guiada desta forma possibilitaria o processo criativo, a experimentação, o movimento do pensamento, o processo de aliar teoria à prática para solucionar problemas. Mais que isso, proporcionaria aos alunos a chance de se tornarem construtores de seu próprio esclarecimento. Acreditamos que o ensino de filosofia, se conduzido de maneira a criar uma relação íntima com a realidade vivida pelos alunos e a incentivá-los a compreender o mundo que os cerca, podem em muito contribuir no combate a todo pensamento totalitário, intolerante e irrefletido.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que este artigo possa auxiliar, de alguma forma, aos professores de filosofia, estudantes da licenciatura e aos demais pesquisadores da área de educação, a refletirem sobre a importância do ensino de filosofia para a formação crítica do aluno, indispensável para os dias de hoje, a considerar os eventos sociais e políticos que vêm acontecendo no país e que recaem e afetam diretamente a escola. Quando discursos autoritários entram no ambiente escolar, todos saem perdendo: educadores e educandos. Porém, os maiores prejudicados são mesmos os alunos que vêm à escola pública e que não têm entendimento sobre os mecanismos de controle da sociedade, que fecham o pensamento para a possibilidade de pensar coerente e criticamente e que por isso não conseguem construir os alicerces de que precisam para lutarem para mudar sua condição material, as relações de trabalho, as desigualdades sociais. Entendemos que a escola deve enfrentar estes problemas de frente, e que a disciplina de filosofia é essencial para essa construção crítica.

Compreendemos ainda a importância de respeitar as particularidades de cada professor em relação à forma de conduzir suas aulas da forma que melhor atenda às necessidades da realidade escolar, porém é mais importante ainda evitar que as aulas de filosofia caiam no modelo enciclopédico e mecânico. Por isso chamamos atenção também para a necessidade de aprendizado permanente do professor de filosofia, para o aprimoramento de sua formação, devendo se adaptar também às mudanças tecnológicas, mas sem se tornar refém delas.

Se hoje observamos tanta credibilidade dada às notícias falsas que foram disseminadas e que continuam a serem criadas diariamente e bombardeadas nas redes sociais, podemos concluir que a indústria cultural de que fala Adorno, conseguiu atingir seu objetivo. Porém, não podemos dispor de sistemas para pensar por nós mesmos, e precisamos ajudar nossos alunos a ter essa compreensão para que eles sejam protagonistas no próprio esclarecimento. E neste sentido, a filosofia tem muito a contribuir para a criação de um pensar autônomo. Acreditamos que as aulas de filosofia devem se ocupar especialmente com o fortalecimento do indivíduo frente aos mecanismos de controle social. Somente através da emancipação do pensamento é que se pode evitar a coisificação, de si mesmo e do outro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRIGOTTO, G. A gênese das teses do escola sem partido: esfinge e o ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola sem partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017, p. 17-34.

GALLO, Silvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: SILVEIRA, Renê J.T; GOTO, Roberto (orgs). **Filosofia no ensino médio: Temas, problemas e propostas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento” (*Aufklärung*)? In: _____ **Textos seletos**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 63-71.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que mesmo com todas as suas limitações, jamais me deixou em desamparo. Agradeço seu amor incondicional, seu cuidado, sua proteção, sua paciência e dedicação. Sua coragem para enfrentar a vida é minha maior inspiração.

À minha irmã Duana, por me inspirar com o seu desejo e vontade de tornar o mundo um lugar melhor e com o seu olhar esperançoso e coração puro que só vê o que há de bom em cada ser humano.

Ao meu irmãozinho Pedro (ou Pedoca), nosso “anjo azul”, que trouxe a alegria para nossas vidas e todos os dias nos ensina sobre o amor.

À minha avó, Dona Noca, e às minhas tias Ana Maria e Fabyana, por serem exemplos de tamanha força. Por me ajudarem tanto e sempre, pelas broncas quando necessárias, pelas oportunidades dadas para meu crescimento, por tantos aprendizados, pelas melhores memórias de infância, por todo afeto e amor.

Ao meu companheiro José Wellington, ou Preto, como chamo carinhosamente. Por seu amor e paciência sem limites. Por sua generosidade, por sempre acreditar nas minhas potencialidades e torcer pelo meu crescimento. Obrigada por estar presente na montanha-russa da minha vida.

Ao meu orientador e professor Valmir Pereira, por sua disponibilidade, escuta, compreensão, confiança, paciência e conhecimento compartilhado.

Por fim, aos demais professores e aos colegas de curso que fizeram parte desta jornada no curso de Filosofia, muito obrigada pela troca de saberes, pelas vivências compartilhadas e por todo aprendizado.